

DO PERCURSO FORMATIVO À ATUAÇÃO EM SALA DE AULA

FROM EDUCATIONAL TRAINING TO PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE CLASSROOM

Rita de Cássia Santos Almeida
rita22almeida@gmail.com

Resumo: Este artigo trata de reflexões sobre a formação de professores, a partir de narrativa pessoal da autora, cuja trajetória acadêmica apresentou relevância entre os anos sessenta e sessenta. A proposta metodológica será natureza qualitativa autoetnografia; ou seja, registros do próprio autor. Nessa direção, pergunta-se: como preparar os novos professores? Para responder essa questão, apresentam-se fatos marcantes na história de vida entrelaçando fatos e lembranças vividas, a formação docente e postura profissional enquanto professora curso de pedagogia num Centro Universitário numa cidade do interior do estado de S. Paulo. O objetivo principal é refletir sobre a jornada profissional pessoal, para respaldar orientações aos discentes e contribuir para que após formados, estes assumam papéis sociais de sujeitos produtores de conhecimentos e autocríticos, assim como professores responsáveis. O texto apresenta uma linha reflexiva, abordando passagens pelos anos como professora no ensino fundamental e atualmente como docente no curso de Pedagogia, com vistas de orientar os discentes para se prepararem ao ingresso de uma carreira com ética e consciência. Para fundamentação das ideias retratadas, vale-se de consulta às obras de autores renomados na área educacional que se debruçam sobre o tema da formação docente.

Palavras-chave: Formação de professores. Experiência. Educação.

Abstract: This article presents reflections on teacher education based on the author's personal narrative, tracing an academic journey that was significant during the 1960s. The methodological approach is qualitative autoethnography - that is, the author's own records. In this context, the question arises: how should new teachers be prepared? To address this, the article presents key events from the author's life story - interweaving facts and memories - alongside her teacher

training and professional stance as a professor in a Pedagogy program at a University Center in the interior of São Paulo state. The primary objective is to reflect on this professional journey to provide guidance to students, helping them - upon graduation - assume social roles as self-critical producers of knowledge and as responsible teachers. The text adopts a reflective tone, covering the author's years as an elementary school teacher and her current role as a professor in a Pedagogy program, with the aim of preparing students to enter the profession ethically and consciously. To substantiate the ideas presented, the article draws upon the works of renowned authors in the field of education who focus on the subject of teacher training.

Keywords: teacher education; experience; education.

1 INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas, ser professor é fácil; basta fazer um curso de licenciatura e partir para as escolas. No entanto o difícil é estar professor!! Já disseram potenciais vozes da literatura voltada à educação, que para tornar-se professor é preciso antes de tudo, amar a educação; ter vontade, ir à luta e enfrentar os tropeços.

Quando vamos para a sala de aula, preocupamo-nos em passar conteúdos que absorvemos enquanto alunos e muitas vezes a metodologia usada nos passa despercebida; usamos estratégias pelas quais fomos personagens e as reproduzimos achando que ainda devem ser aplicadas porque assim fizeram conosco, aprendemos e as aprovamos. Passamos a ser meros reprodutores,

provavelmente por insegurança no início da carreira.

A partir de lembranças dos bancos escolares, tenho certeza que nossa formação foi muito bem programada, preparada com carinho pelos professores que nos (re)passaram o que tinham de melhor ao seu alcance; para as aulas organizavam seus conteúdos em semanários, onde com letras desenhadas, bordavam textos que depois reproduziram na lousa. Dentre vários conteúdos inesquecíveis, lembro-me das fábulas de Esopo e La Fontaine que a professora lia em voz alta para no final, após perguntas para compreensão, trabalhar com a moral; poemas de Manuel Bandeira e outros, que decorávamos para recitar à frente dos colegas, e em algumas ocasiões especiais; belas histórias de Monteiro Lobato e outros tão marcantes em nossa infância...

Ainda como algo inesquecível, era o amor pela profissão revelado desde o material que os professores preparavam suas aulas, a letra com que escreviam na lousa e tudo o que precisavam para lecionar. Apesar de serem carinhosos eram exigentes. Por exemplo, em relação aos cadernos, que na época só conhecíamos o brochura, deviam estar encapados com papel impermeável

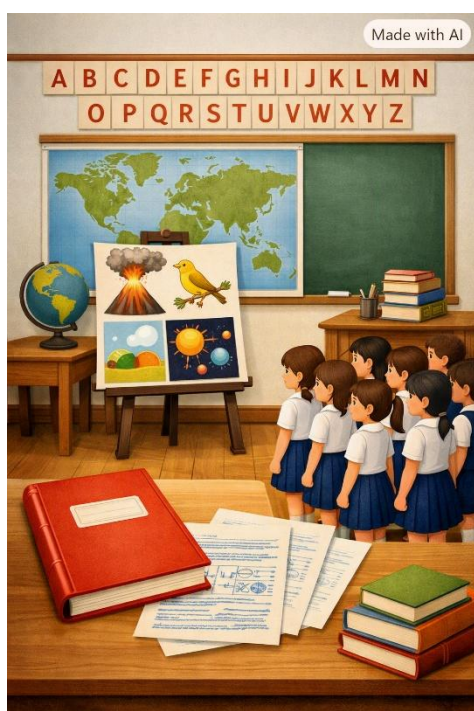
vermelho para as meninas e azul marinho para os meninos, com etiqueta retangular branca e bordas vermelhas na capa. Nesse as atividades eram registradas caprichosamente nas folhas sempre perfeitas, sem amassados nem sujeira ou marca alguma, pois usávamos um papelão ou um pedaço de filme radiográfico (Raio-X) sob as folhas para não ficarem sulcos na de baixo, afinal, dependendo da força que colocávamos nos lápis, surgiam as marcas profundas das palavras escritas.

Para seguir à risca o que havia na lousa, os títulos eram copiados no caderno, com lápis vermelho e o restante apenas com o preto. Quando corrigiam e colocavam notas, estas eram grafadas à direita da página do caderno, no alto para dar um destaque. Em ocasiões de nota dez, notava-se que a professora desenhava os números com traços leves e perfeitos. Para traçar o número um, por exemplo, uma haste iniciava-se abaixo da linha em forma de curva, para subir e descer e depois fazer os zeros ovalados perfeitos.

Com a sensibilidade de sempre e paciência imensurável para expressar o amor à arte de ensinar, os Professores esbanjavam conhecimento. Para as aulas diferenciadas, em Língua Portuguesa, por exemplo, preparavam algumas fichas com

letras e sílabas para o aluno formar palavras; penduravam no alto da parede, cartazes com as palavras-chave do abecedário e destaque na letra inicial, que acompanhavam a cartilha para que sempre nos lembrássemos a sequência alfabética e a família silábica. Em algumas ocasiões, colocavam no tripé, as pranchetas com ilustrações para motivar a produção de textos que até então eram chamadas de *composições* e *descrições*. A professora colocava uma prancha ilustrada para que o aluno criasse um texto a partir das imagens que observava.

Figura 1- Sala de aula nos anos 60-70



Fonte – A autora – IA (2026)

Para a época, silêncio e ordem sempre imperavam na sala de aula. A

organização era percebida em todos os lugares e ações na escola; iniciando pela disposição das carteiras em filas, cujas crianças se sentavam de acordo com a altura, pois os alunos deveriam estar em ordem crescente para que o professor pudesse enxergar todos e vice-versa. Pouco se ouvia a voz das crianças; porque dificilmente se manifestavam. Em relação ao lugar, sempre sonhei em me sentar próximo à professora, mas foi em vão; minha altura não permitia. E me sentia esquecida lá atrás.

Ao ouvir o toque do sino, antes de entrarmos para a sala de aula, as filas eram feitas por tamanho do aluno e um cenário uniforme, literalmente, surgia. Éramos iguais até que se provasse o contrário. Todos vestidos com o mesmo uniforme: usávamos saia plissada azul-marinho até os joelhos, camisa de algodão branca, meias brancas três-quartos e assim, a única coisa que separava as crianças era o gênero: meninos de um lado e meninas de outro. Prontos e em posição adequada, cantávamos o Hino Nacional (nossos cadernos brochuras continham a letra dos hinos na quarta capa) e em algumas ocasiões especiais, outras canções, antes de adentrar à sala. Desse modo se passaram alguns anos até

chegar a década de 70, quando modificações começaram a se despontar.

Aos poucos, transformações políticas, ideológicas, técnicas, diferentes formas de agir alavancaram mudanças em vários setores que foram se registrando como marcantes e inesquecíveis. Conforme Cação(2005), nos anos 80, no Brasil, novos estudos foram lançados a respeito da atividade docente. No comércio, novidades em materiais escolares iam surgindo, mas nem todos estavam ao nosso alcance, então nos conformávamos com o que tínhamos condições de conquistar. Em nossa caminhada de estudante, não víamos a hora de terminar a cartilha para chegar o dia que iniciariamos o estudo do 1º livro (a entrega do volume era marcada por cerimônia especial) ou chegar o momento usar a caneta esferográfica e ter uma borracha com dois lados coloridos: um azul para apagar a tinta e o rosa para o lápis, e mais tarde, chegar ao caderno espiral, o qual podíamos dobrar para facilitar o manuseio. Quantas expectativas havia!!

Outras inovações foram se apresentando timidamente: cadernos espirais; surgiram lapiseiras coloridas e atraentes que permitiam trocar a grafite da ponta; réguas em acrílico em formato

de mapas, para as aulas de Geografia ou com polígonos para as aulas de Matemática, assim como as tabuadas dos lápis para facilitar o aprendizado.

O mimeógrafo revolucionou a prática pedagógica, pois os professores podiam entregar textos já impressos – só para colar no caderno. Para a época, esses foram os recursos tecnológicos mais inovadores que podiam aparecer... Outras tecnologias foram surgindo, muitas outras, sem dúvidas, mas as marcantes para as deliciosas inovações para os estudos foram essas...

Os professores começaram a levar para a aula, as sulfites com perfume de álcool; chegavam poupando-nos de grande parte do trabalho de copiar o conteúdo passado na lousa - tratado como *ponto*, na época - no caderno. Quanto avanço!!

Passado o tempo, o progresso foi apresentando instrumentos com mais recursos no intuito de modernização dos processos acadêmicos, permitindo-se acessíveis, como por exemplo, o uso dos projetores em forma de carrossel, retroprojetores e mais à frente, os computadores (embora muito interessantes, inviabilizava o uso em sala de aula, devido ao tamanho, peso e custo). Mas já se viam o uso de novas estratégias,

além dos cartazes e *flipcharts*, os *slides*, viralizaram, dinamizando os recursos didáticos e o processo da aprendizagem.

Isso tudo foi o pontapé para revolucionar o ensino, modernizando, inclusive o formato do ensino a distância – que até então era através dos correios, com vai-e-vem de apostilas, envio de exercícios e avaliações. Enfim, cresceram as oportunidades e recursos mais acessíveis, permitindo diversidade nas aulas, quebrando alguns paradigmas metodológicos na educação.

Ser e estar professor

Dando um salto e deixando as lembranças à parte, entende-se que para se chegar ao capelo, a trajetória é longa: primeiro se formar; depois, *ser-professor* e após isso, *estar-professor*. No entanto, para chegar nesse degrau, além das horas de banco na faculdade e de tempos debruçado sobre os livros, considera-se de fundamental importância, o estágio.

O estágio curricular é o mediador entre a teoria e a prática reflexiva. Segundo Franco (2017), é "[...] um lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento de identidade ...", ou seja é o período condicionado ao futuro professor para presenciar as relações de ensino-aprendizagem, as interações

sociais em ambiente especializado, colocar-se no lugar do docente quando presencia alguma situação-problema ou quando ouve determinados diálogos que lhe permite compreender situações diversas, que muitas vezes estão ocultas nas relações pessoais.

Além dessas possibilidades, o estágio deve ser considerado como oportunidade para reflexão sobre as visões teóricas abordadas no curso e o que realmente se presencia na prática; ou como esta acontece, muitas vezes instintivas e em outras, à sombra de teorias iminentes.

Em diversas ocasiões, o discente em final do curso, atira-se à ansiedade para concluir a graduação, pois sabe que se surgir oportunidade já vai a campo, mas pode-se correr o risco de se frustrar. Ainda inexperiente, inseguro, porém empolgado, traveste-se de professor, "[...] reduzindo a atividade docente apenas a um fazer que será bem-sucedido quanto mais se aproximar dos modelos observados" (Pimenta e Lima, 2017, p.29). Mas é preciso saber que ao ingressar na área, defronta-se com as burocracias, regras que o sistema impõe, além do principal: ensinar os alunos a aprender.

Às vezes, a atitude do ingressante docente é usar de suas lembranças dos bancos escolares, imitando os professores que tivera, usando de uma prática obsoleta, conforme citado por Pimenta e Lima (2017) e partir por caminhos incertos e até tortuosos para iniciar a construção de sua história profissional. Mune-se de teorias e inspirações acumuladas desde quando ingressara na escola, mas começa a perceber que a realidade é constituída de inúmeros fatores adversos e que precisará aprender muito mais para sobreviver na nova esfera, haja vista que muito do que vinha imaginando, foi se distanciando. Agora a teoria deve passar à prática.

Enfim, tornar-se professor é um processo histórico, haja vista que

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo vão constituindo o "ser profissional", na adesão a um projeto histórico de escolarização. (Fontana, 2005, p.50)

Reforçando essa questão, conforme Fig.2, Tardif (2018, p. 49) afirma que ser professor exige um esforço que muitos não estão dispostos; "[...] o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam

condicionantes [...]" que resultam da aplicação ou da elaboração de modelos vividos, refletidos, acumulados e reformulados. Então ensinar vai se construindo aos poucos, a partir da vivência cotidiana e do enfrentamento às barreiras que são comuns a todos os iniciantes.

A teoria na prática é algo a ser preparado; refletido, afinal esta não se constrói só a partir dos conteúdos teóricos do curso. Conforme reforça Imbernón (2009), nos anos 2000, passou-se a analisar a formação além do domínio acadêmico e científico, visto que se percebeu a necessidade de "[...] estabelecer novos modelos relacionais e participativos na prática da formação. Isso leva a se considerar o que realmente se aprende e o que falta aprender.

Figura 2: Ser professor segundo Tardif



Fonte: A autora - IA (2026)

Aprender é uma ação contínua na carreira docente. Além do mais, só se constroem os saberes a partir do momento que se atribuem significados à prática (Franco, 2012).

Tardif (2018) declara que a prática da profissão docente é adquirida nos cinco primeiros anos de experiência; o profissional a edifica letra por letra: muitas vezes, sem consciência, seleciona atitudes metodológicas que o fizeram aprender por meios arcaicos; segue caminhos vividos na vida acadêmica para muito depois vivenciar situações, problemas, buscar soluções, refletir e desenvolver algo subjetivo, mais pessoal, capaz de permitir autônomo professor!! Entretanto, é preciso compreender que o professor sempre é surpreendido em sala de aula, então precisa continuar se debruçando em livros, estudando e acompanhando as mudanças.

Isso permite reforçar que a trajetória docente é prática reflexiva contínua, surgem novos modos de pensar e agir; compreender e adaptar-se aos novos contextos, conceitos, vocabulários, construções, discursos, entendimentos, argumentações para juntar-se às relações e atitudes diárias com o outro, com os alunos e despertar *novos eus; novos*

indivíduos e novos profissionais, motivados, recapitados, em contínua aprendizagem e mudanças atitudinais e procedimentais para manter-se em constante ação, reflexão e novas ações, afinal somos mediados por parceiros sociais e como afirma Fontana (2005, p. 64), [...] integramo-nos progressivamente nas relações sociais, aprendendo, por meio delas, a nos reconhecer como pessoas.

Nesse ínterim, cabe pensar e analisar o que Franco (2012, p.111) afirma: "[...] a formação não se dá no vazio; a prática docente não se institui no vazio de relações. Não se estabelece na neutralidade política." Ou seja, é no processo, nas ações; nas experiências e interações com o aluno que nos tornamos professor.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este texto foi desenvolvido a partir de reflexões e autobiografia, e subsidiado em pesquisa bibliográfica, utilizando materiais já publicados como base para a construção teórica do tema investigado. Conforme explica Gil (2021), a pesquisa bibliográfica consiste em reunir e analisar contribuições já existentes sobre determinado assunto, permitindo uma compreensão mais ampla e

fundamentada. Nesse sentido, foram consultados livros e artigos científicos diretamente relacionados ao objeto de estudo. A seleção das fontes considerou sua relevância para o tema, a atualidade quando necessária e a pertinência em relação ao problema de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo caminho docente exitoso é árduo e no que tange às relações de ensino e aprendizagem estas duas ações só acontecem se forem efetivas; mesmo que em algumas vezes ocorram parcialmente. "O trabalho pedagógico não é produzido única e exclusivamente pela professora que ensina, nem tampouco pela criança que aprende. O ensinar e o aprender são produzidos na relação entre alunos e professora". (Fontana, 2005, p. 161).

Levemos em conta que ensinar é um jogo em dupla; implica levar o aprendiz à compreensão daquilo que se propôs, cabendo ao ensinante usar de estratégias claras e eficazes, e àquele entender e se apropriar do novo para poder afirmar que realmente aprendeu. Nem sempre quem ensina obtêm sucesso, pois depende de habilidades, vontade e do comprometimento do outro em relação ao estímulo apresentado, assim

como o aprendiz pode não apresentar resultados positivos sobre o que foi proposto a ensinar.

Nesse jogo, ambos aprendem, pois se não houver sucesso com o resultado, o professor procurará entender o que aconteceu para justificar o motivo pelo qual o aluno não obteve sucesso. Entendamos que para essa dupla ação de aprender e ensinar, há relações distintas entre os jogadores: passamos os conteúdos e informações ao outro, da maneira que nós os compreendemos e achamos que é a forma correta, o que não garante que o receptor esteja na mesma sintonia e se aproprie daqueles facilmente. Ensinar é um movimento de duas mãos: acredito que se um não aprendeu, é porque o outro não ensinou. Não atingiu seu objetivo.

Dessa forma, algumas condições são importantes para que o processo de aprendizagem realmente ocorra. A primeira conta com os indivíduos da relação; ou seja, o professor deve ter clareza de suas ações no processo de ensino, empregando de forma coerente o que lhe cabe ensinar. Deve considerar que cada um tem seus conhecimentos implícitos, capacidade de compreensão e habilidades. Quanto ao aluno, cabe-lhe prestar atenção e dedicar-se para

aprender. Outra condição diz respeito aos conteúdos, que devem estar ao alcance da compreensão do aprendiz, de acordo com o nível de aprendizado, com vocabulário claro e acessível.

Estes são de responsabilidade do professor, cujo preparo deve atender às necessidades e ter clareza dos objetivos e conteúdos a cumprir e ao aluno a compreensão do porquê aprender é importante para si, o quanto estudar o guiará para um futuro mais seguro. Além de tudo, em ambas as partes pode haver ou não, sintonias e conflitos; encontros e desencontros. Simpatias e antipatias; facilidades e dificuldades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo esclarecido sobre a história de vida, possibilidades formação e de imitação da prática docente na hora de ensinar e estar em constante reflexão sobre as ações, pergunta-se: e hoje, como a escola tem se preparado frente a tanta modernidade e tecnologia para modernizar, ao invés das metodologias tradicionais ainda usadas por alguns professores?

Os docentes que já vêm trabalhando em sala de aula, têm sua metodologia e o percurso que seguem e continuam com as mesmas técnicas,

porque o que fazem tem dado certo (ao seu modo de pensar) e não veem motivos para trocar. Porém, oposto a isso, os alunos que vêm chegando são diferentes; trazem situações de vida completamente novas; os contextos sociais onde vivem são diversos, e aquele que se habituou à rotina certamente estranhará. Pelo fato de estar há anos fazendo a mesma coisa porque dava certo, choca-se com novas realidades e não têm como se sair das novas situações, passando a se estressar, perdendo a paciência e não sabendo como resolver os conflitos que surgem. Haja vista as doenças causadas por estresse gerando afastamento dos profissionais para tratamento.

Isso tudo são indícios de que são necessárias mudanças, mas o indivíduo só muda sua prática a partir do momento que percebe necessidade e tem vontade; não quando alguém lhe fala que é preciso (Imbernón, 2009). Assim, cabe ao docente analisar e refletir sobre as causas que geram suas angústias com o processo de ensino e o desinteresse dos alunos, o que exatamente está faltando para que sintam prazer em aprender. É a partir de uma abordagem ampla, com vieses socioculturais e afetivos que o professor poderá encontrar meios para se situar e preparar-se para inovar.

Considerando que um professor ativo, formado há décadas, deve se atualizar; se não se envolver e participar arduamente na educação continuada e nos processos de mudança, não consegue mais se manter em atividade na sala de aula, pois além das crenças enraizadas e dos mitos que carrega, pode sofrer danos emocionais, devido ao desgaste do tempo e diferentes situações que geram mal estar. Ou seja, é preciso querer, desafiar-se e dar um basta ao que o está impedindo de acompanhar e diversificar sua metodologia; rever e adaptar-se às novas gerações para continuar com os desafios, mas renovar em todos os sentidos: ter foco no querer, debruçar-se nos estudos e partir para novos modos de agir para *ensinar os alunos a aprenderem para se tornarem autônomos*.

Em algumas ocasiões, é preciso modificar o que desgastou; é hora de parar, refletir e mudar; enfim, deve-se entender que a prática docente, conforme Tardif (2024) não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Grupo A, 2008. E-book. ISBN 9788536318523.

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FRANCO, Maria Amélia do R. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Grupo A, 2009. E-book. ISBN 9788536321523.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. Coleção Docência em Formação-Saberes Pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.